

rica aponta e circunscreve. A indispensabilidade do trabalho radica na importância da produção e acumulação de conhecimentos, mesmo parcelares, sobre o real social, já que este é geralmente obscurecido pelo senso comum da ideologia circulante ou vazado nos moldes abstractos de uma qualquer ortodoxia.

Constitui o texto em epígrafe um exemplo da capacidade de desbloqueamento e desbravamento analítico operado por uma grelha teórica suposta adequada, face a uma montagem de referências empíricas com finalidades lineares. Estas referências, colhidas quase exclusivamente no *Inquérito Industrial* de 1964, devidamente manipuladas e conjugadas com parâmetros de ordem teórica, permitem uma primeira, mas já esclarecedora, visão do objecto em estudo.

Desdobra-se o texto em oito pontos, dos quais os dois primeiros, «Desenvolvimento capitalista e industrialização» (I) e «Desenvolvimento capitalista e industrialização em Portugal» (II), estabelecem o pano de fundo teórico e as primeiras balizas conceptuais que introduzem propriamente o objecto de análise. Recusando o esquema dualista do desenvolvimento social e assumindo uma perspectiva marxista para a qual a dominância do modo de produção capitalista produz efeitos específicos, dá conta o texto, em seguida, de algumas das dimensões mais relevantes do processo em Portugal. «A concentração da produção e do proletariado na zona industrial de Lisboa» (III) fornece uma imagem da importância relativa daquela zona apontando as razões que a reforçam no contexto da produção industrial capitalista do país. «A produção de características artesanais ou ligada a formas de transição do capitalismo» (IV) assinala o carácter duradouro das formas de produção pré-capitalistas paralelas mas inter-ligadas com o tipo de produção que se mostra dominante, «A produção tipicamente capitalista: a pequena, média e grande indústria» (V). Neste ponto, indicadores possíveis desenham um quadro da estratificação da burguesia industrial na base da situação objectiva na produção e do respectivo peso económico. «A diversificação da produção. A estrutura produtiva na zona industrial de Lisboa» (VI) refere a polarização dos vários ramos da produção por dois grandes sectores, o

da produção dos meios de consumo e o da produção dos meios de produção, na zona onde se aglutinam os ramos de produção cujo processo de trabalho torna mais apto o desenvolvimento das potencialidades da lógica da fábrica capitalista. A cintura industrial de Lisboa demarca-se no terreno principalmente ao longo de três eixos maiores: Lisboa-Vila Franca, Lisboa-Sintra e, a sul do Tejo, a linha Almada-Seixal-Barreiro-Montijo. Toda esta mancha, onde «A concentração do operariado e da produção dentro da zona industrial de Lisboa» (VII) se torna notável, tem, paredes-meias, uma periferia particular constituída por vasta área de parca produção industrial e predominantemente agrícola. «A situação do operariado: produto necessário e excedente. Salários e horários de trabalho. O aumento da exploração» (VIII) é o último ponto do texto em referência. Pretende-se aqui dar uma medida do grau de exploração económica de que são objecto os trabalhadores, para o que se definem e articulam indicadores possíveis de mais-valia absoluta e relativa.

Um texto deste jaez afigura-se-nos deveras importante no plano da visualização das características particulares do sistema capitalista português, marcando uma etapa necessária para ulteriores análises porventura mais finas e detalhadas.

*Eduardo de Freitas*

PHILLIPS, Lawrence D. — *Bayesian Statistics for Social Scientists* — Thomas Nelson and Sons, 1973, 373 pp.

No campo da Estatística, os métodos adoptados constituem um dos assuntos que, naturalmente, maior controvérsia têm suscitado.

*Bayesian Statistics for Social Scientists* consiste, como o próprio nome deixa antever, numa exposição do método «bayesiano» aplicado às ciências sociais. A essência deste método assenta na revisão de uma hipótese inicial — associada a uma medida de probabilidade — a partir da informação que entretanto o investigador tenha podido colher. Essa informação, devidamente tratada através da aplicação do teorema de Bayes, permite a redefinição da hipótese de partida em termos de pro-

babilidade, naturalmente denominada *a posteriori*.

Um exemplo ajudará a compreender melhor o método de Bayes: suponhamos que não se conhece a filiação política de determinado grupo social, tendo-se como hipóteses igualmente prováveis a adesão ao partido republicano ou democrata. Dir-se-á, então: o grupo em causa filia-se, com 50 por cento de probabilidade, no partido republicano (ou democrata). Esta será a hipótese inicial. Admitamos que informações recolhidas posteriormente referem que todos os elementos que compõem o citado grupo professam a religião protestante. Sabe-se que 64 por cento dos republicanos são protestantes e 36 por cento católicos; 40 por cento dos democratas são protestantes e 60 por cento são católicos. Estes números, uma vez submetidos a tratamento pelo teorema de Bayes, conduzem-nos à reformulação da hipótese inicial em termos de probabilidade *a posteriori*. Dir-se-á, no caso presente, que a probabilidade *a posteriori* de filiação no partido republicano passa a ser de cerca de 62 por cento.

O grau de certeza com que determinada hipótese pode ser afirmada é, evidentemente, um factor de grande importância quanto à tomada de decisões baseadas nessa mesma hipótese. Não constitui, porém, factor único a tomar em consideração — as múltiplas facetas do problema em questão são objecto de uma teoria própria que não é abordada na obra de L. D. Phillips. Este limita-se a apresentar o método «bayesiano» através das várias etapas de que se compõe, remetendo o leitor para outras obras que, quanto à tomada de decisões, completam o que nela é exposto.

As três partes em que o livro se acha dividido correspondem às diferentes fases que constituem o método de Bayes. Ao tomar contacto com elas, o leitor habituado à estatística «tradicional» (se assim se lhe pode chamar), encontrará nesta obra muitos temas que lhe são já familiares. Na verdade, sucede que, não raro, os «bayesianos» chegam às mesmas conclusões que os «tradicionalistas»; a diferença reside, sobretudo, no caminho percorrido por uns e outros. Explorando este facto, Lawrence D. Phillips proporciona-nos no seu livro a interpretação «bayesiana» dos métodos estatísticos tradicionais.

Ao que foi dito, acrescente-se uma característica que domina toda a obra: a importância que nela se confere à utilização inteligente e esclarecida da estatística. O leitor é ensinado a reconhecer as limitações dos métodos estatísticos e o perigo que pode advir da sua utilização irreflectida. Ainda que outros atractivos não existissem neste livro — e é indiscutível o interesse que ele suscita pelo facto de divulgar um método ainda pouco aplicado nas ciências sociais — a característica citada bastaria, por si só, para tornar *Bayesian Statistics for Social Scientists* credor da atenção dos estudiosos da matéria.

J. F. Falcão Carneiro

*Theory and Society* (revista trimestral de ciências sociais), n.º 1, 1974, Amsterdão, Elsevier Scientific Publishing

Acaba de ser distribuído o primeiro número de uma nova revista trimestral de ciências sociais intitulada *Theory and Society*. É editada pela Elsevier Scientific Publishing Company, de Amsterdão.

A frente desta nova revista estão nomes conhecidos: Alvin Gouldner, Pierre Bourdieu e Randall Collins, como «editores» e Robert Merton, como «special advisory editor». *Theory and Society* tem um subtítulo que esclarece algo sobre o seu projecto inicial e o que se pode esperar que venha a ser o seu papel no panorama das ciências sociais: «Renewal and critique in social theory». Alvin Gouldner assina a «Introdução» com que abre o primeiro número de revista e, em poucas páginas, situa o aparecimento da nova publicação no contexto da situação actual das ciências sociais e dos condicionalismos históricos que marcam o nosso tempo. É assim que, perante a falta de perspectivas quanto aos caminhos futuros a percorrer pelas ciências sociais, por um lado, e os paradoxos gritantes que se revelam no momento histórico actual, de tal modo que está em causa a sobrevivência das actuais estruturas sociais dominantes que têm servido de infraestrutura para um certo tipo de objectividade ainda vigente nas ciências sociais, por outro lado, Alvin Gouldner é de opinião que o momento é oportuno para que se aborde a questão de uma nova objectividade na teoria social, o que aponta